

O QUE É QUE RESISTE AO IMPACTO DO TEMPO?

Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação

Rimini, 12 de abril de 2019

Apontamentos de la Primeira Meditação de Julián Carrón

«Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus» (Mt 5,8)

Diante da pergunta «O que é que resiste ao impacto do tempo?», a resposta não pode ser os nossos sentimentos ou os nossos estados de alma, os nossos pensamentos ou os nossos argumentos, que «já não prendem ninguém».¹ Por isso, encaremos de frente a nossa pergunta! Nós não temos medo nenhum de levar a sério as perguntas mais desafiadoras que podem surgir na vida: não queremos virar-nos para o outro lado, não queremos contentar-nos com consolos baratos, queremos ser homens e mulheres capazes de olhar para tudo.

Uma universitária, num encontro de responsáveis, fez-me uma pergunta de forma direta que nos faz perceber o problema: «No passado fim de semana fizemos um encontro dois dias para receber novos alunos, que foi muito bonito para mim e aconteceu num momento muito complicado. Dei-me conta de que no final do encontro estava diferente. O ponto é que, de volta a casa, bastaram vinte minutos, aconteceu uma coisa sem importância e voltei ao meu nervosismo, como se aquela coisa que me tinha mudado, a beleza que acontecera naqueles dois dias, não resistisse. Por isso, a minha pergunta é: o que é que aconteceu ali e o que é que, depois, resiste na vida quotidiana?».

Podemos dizer, esquematizando ao máximo, para esclarecer de maneira muito simples, que a situação em que muitas vezes nos encontramos é esta: nós vimos de uma experiência A (neste caso, um momento muito complicado) e acontece B (aquela rapariga vai para o encontro e acontece alguma coisa que a move, que a torna diferente), mas pouco tempo depois, como se nada tivesse acontecido, como se B não tivesse existido, voltamos a A e voltamos ao princípio. Parece que o que nos aconteceu desaparece, não tem forças para durar, para atravessar o tempo, para continuar a mudar-nos.

Talvez a descrição da estudante universitária seja uma descrição um pouco *naïf*, mas a substância é a mesma daquilo que Dom Giussani nos dizia no início do ano: acontece-nos uma novidade radical – imprevista, imprevisível -, um encontro sem comparação, uma beleza que nos muda, mas depois parece-nos que aquele acontecimento está confinado a um momento, como uma onda do mar que, depois de ter tocado na praia, se retira e tudo volta a ser como dantes: somos tentados a remeter o que nos aconteceu à nossa experiência antecedente, à nossa sabedoria antecedente.²

Este é o nosso drama. Então vamos enfrentá-lo, como fez aquela rapariga de modo tão franco! Quais são os factores envolvidos neste aparente desaparecimento, recuo, da novidade que nos aconteceu? Por que é que vivemos esta desconfiança e esta oscilação?

1. Alguma coisa «da qual não se volta atrás»

Para enfrentar a pergunta feita, «O que é que resiste ao impacto do tempo?», a primeira coisa a fazer é olhar para a nossa experiência.

A frase de Kierkegaard – citada ontem à noite – oferece-nos o critério para intercetar a resposta. «Eis o importante na vida: ter visto uma vez alguma coisa, ter ouvido uma coisa tão grande, tão magnífica que qualquer outra seja um nada em comparação com ela e ainda que nos esquecêssemos de tudo o resto, daquela nunca mais

¹ Cf. H.U. von Balthasar, *La percezione della forma. Gloria. Una estetica teologica*, vol. I, Jaca Book, Milão 1975, p. 11.

² Cf. L. Giussani, J. Carrón, *“Vivo” quer dizer presente!*, op. cit., p. 7.

nos esqueceríamos».³

Aconteceu alguma coisa na nossa vida que nunca mais esquecemos, uma coisa tão grande, tão magnífica, que se revelou capaz de desafiar o tempo, os nossos estados de alma, as circunstâncias, e de nos acompanhar até nos momentos mais dramáticos da vida? Como dizia uma das cartas de ontem à noite: «Por que é que eu venho [ainda]? Venho [...] por uma última e indestrutível atração por alguma coisa que vive no movimento e da qual não consigo desligar-me. Venho para procurar a única coisa de que tenho mesmo saudade».

Esta duração, esta resistência – a indistritabilidade da atração graças à qual o nosso amigo veio aqui –, é o «sinal» que nos faz perceber o alcance daquilo que nos aconteceu.

«Uma eterna miséria persegue aquele que cada dia vive, se não encontrar um amor que perdure todos os dias»,⁴ diz Hugo de São Vítor.

a) O encontro

O primeiro indício de uma resposta à nossa pergunta, seguindo o critério oferecido por Kierkegaard, está contido no próprio facto de estarmos aqui. Se estamos aqui, de facto - como o amigo mencionado - é porque nos deparámos com pessoas que nos fizeram experimentar uma preferência única, totalmente gratuita, e que nos permitiram experimentar uma plenitude, uma vibração humana que nos elevou, fez-nos ser nós mesmos, tirou-nos o medo e encheu-nos de esperança e de alegria. Aconteceu um encontro em que tivemos pelo menos o pressentimento de alguma coisa de novo, de diferente, que fez vir ao de cima aquilo que somos de verdade.

É esta a experiência que vivemos. O amor que Deus me dirigiu através de certos rostos «faz de mim o que eu sou na verdade e [...] também me torna único»,⁵ dizia von Balthasar. Poderias ser cem vezes mais frágil, mais inconsistente, mais autoconsciente do que és, mas há alguém que te faz experimentar esta preferência absolutamente gratuita: «Tu és precioso a meus olhos».

É evidente, é de uma evidência sem comparação: nós estamos aqui porque, para usar novamente as palavras da Jornada de Início de Ano, fomos alcançados - cada um nas suas circunstâncias particulares - por uma presença carregada de proposta, de sentido para a vida, e ao mesmo tempo cheio de afeto por nós mesmos, de escolha, de preferência.⁶ Vimos um tipo de relação diferente entre as pessoas, um modo mais humano de lidarem umas com as outras, uma «convivência», uma «vida» que tinha em si uma novidade, uma promessa que nos encheu de espanto; fomos atraídos, aproximámo-nos, ficámos curiosos.

O início de tudo foi «o encontro com um facto objetivo [...], cuja realidade existencial é uma comunidade sensivelmente documentada, tal como acontece com qualquer realidade integralmente humana; comunidade na qual a voz humana da autoridade, manifestada nos seus juízos e diretrizes, constitui critério e forma. Não existe nenhuma versão da experiência cristã, por muito íntima que seja, que não implique, pelo menos em última instância, este encontro com a comunidade e esta referência à autoridade».⁷

Pode ter sido o encontro com uma comunidade cristã viva ou com uma pessoa que ilustrava aos nossos olhos uma perceptível vida diferente,⁸ mas aconteceu-nos um encontro que nos atraiu e que – como diz Kierkegaard – não conseguimos esquecer, não conseguimos eliminar (não podíamos arrancá-lo de nós, mesmo se o quiséssemos).

Escreveu-me uma universitária: «Por natureza sempre gostei de refúgios, de jogar pelo seguro, da tranquilidade das minhas quatro paredes, de um estudo vivido como uma fuga do mundo. Podemos pensar

³ S. Kierkegaard, *Diário. I (1834-1849)*, op. cit., p. 239.

⁴ Hugo de São Vítor, *De arra anime. L'inizio del dono*, Glossa, Milão 2000, p. 13.

⁵ H.U. von Balthasar, «Significato dell'antica Alleanza», em H.U. von Balthasar-L. Giussani, *L'impegno del cristiano nel mondo*, Jaca Book, Milão 2017, p. 38.

⁶ «Não creram porque Cristo falava dizendo aquelas coisas, não creram porque Cristo fez aqueles milagres; não creram porque Cristo citava os profetas; não creram porque Cristo ressuscitou os mortos. [...] Creram por uma presença. Não uma presença imberbe ou indistinta, não uma presença sem rosto: uma presença com um rosto bem preciso [...]. Uma presença carregada de proposta é, então, uma presença carregada de significado» (L. Giussani, J. Carrón, *"Vivo" quer dizer presente!*, op. cit., p. 6).

⁷ L. Giussani, *Educar é um risco*, Diel, Lisboa 2006, p. 129.

⁸ Cf. L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, pp. 24-26.

o quanto quisermos que a vida nos traz desgostos, por comodismo, e que não existem motivos para nos empenharmos, mas só o podemos fazer até termos a graça de estar diante de pessoas que vivem cheias de razões, cheias de gosto e de significado [É isto que faz a diferença; e uma vez que o viste, tudo é diferente]. Para mim, conhecer o movimento significou isto: foi o encontro com pessoas duma humanidade fulgurante, que uma vez conhecidas não te deixam em paz, atormentam-te, são capazes de fazer com que volte uma certa inquietação pela tua vida tão maltratada». O encontro, portanto, introduziu na sua vida uma afeição por si que ela não conseguia ter. E, uma vez conhecida esta humanidade diferente, não pode deixar de sentir uma inquietação pela sua própria vida. Mas depois acrescenta: «Por isso tenho medo quando um destes meus amigos me escreve e me procura, porque sei que uma só hora com eles poria em discussão todas as minhas posições, faria nascer em mim aquela sensação agora muito identificável de quando olhas para alguma coisa enorme e bonita e sentes que poderia ser também tua». É impressionante! A resistência – disse-nos tantas vezes Giussani - é à beleza.⁹ Nós temos medo da beleza do que vimos. A carta continua: «Claro, o meu medo continua o mesmo. E, no entanto, esqueci-me de muita coisa, mas não daqueles olhos com que fui olhada, porque ali já estava todo o bem que me seria oferecido nos anos seguintes e que insistentemente volta a procurar-me, a recuperar-me com uma fidelidade que ultrapassa toda a lógica e que é a única e última barreira à tentação de viver passivamente».

O encontro com um fenómeno de humanidade diferente: foi assim que tudo começou. Como João e André, nós encontrámo-nos diante de uma presença excepcional carregada de proposta, carregada de significado para a vida.¹⁰

b) O significado do encontro

Mas para isso não basta que o facto aconteça. Precisamos de perceber o seu significado. Caso contrário, como muitas vezes acontece, voltamos à sabedoria anterior, ao nosso modo habitual de olhar, à mentalidade de todos. Eis então que começa a vir à superfície o ponto: quando voltamos a A depois de termos visto B, pensando que tudo desapareceu, é porque não compreendemos o alcance do que nos aconteceu. De facto, para ganhar realmente alguma coisa com a nossa experiência, precisamos de perceber o seu significado.

Isto é válido para tudo: «O que caracteriza a experiência é o *perceber*, o descobrir o seu *sentido*. A experiência implica, portanto, a inteligência do sentido das coisas».¹¹ Uma realidade nunca é verdadeiramente afirmada, agarrada, se não se afirmar o seu significado.

Eis o que escreve uma de vocês:

«Nos últimos seis meses, tenho-me sentido esmagada por uma grande mudança que revirou completamente a minha vida, gerando em mim uma dor gigantesca. O que me deixava mais desorientada era que esta dor tinha origem numa das coisas mais bonitas que já me tinha acontecido; em suma, era um grande paradoxo. Consequentemente, não conseguindo encontrar respostas de significado para o que me tinha acontecido, ao longo dos meses amadureci, gradualmente e quase sem me aperceber, uma sensação de total niilismo, apatia e ausência de significado. Um dia, uma grande amiga minha convidou-me para participar na Escola de Comunidade. Fui durante alguns meses, sem um motivo particular, mas continuava a ir. E dei-me conta de que a Escola da Comunidade dizia uma verdade absoluta sobre a minha vida, e também me mostrava um caminho para as coisas que pareciam preparadas para mim, que me fariam mais feliz. É como se me tivessem aberto os olhos. Pela primeira vez, dei-me conta de que seguia coisas que aos meus olhos pareciam ser cómodas, atraentes e cheias de promessas, mas que na realidade, depois, se revelavam fechadas em si mesmas. Mas eu seguia-as porque estava anestesiada pela mentalidade mundana de hoje, e portanto não me colocava muitas

⁹ Cf. L. Giussani, *Affezione e dimora*, Bur, Milão 2001, pp. 66-67.

¹⁰ «O primeiro capítulo do Evangelho de João ilustra a forma muito simples e profunda com que o cristianismo surgiu na história: um acontecimento humano, o encontro com o facto de uma presença excepcional» (L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., pp. 11-12).

¹¹ L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 126.

questões. Nos últimos meses, tinha começado a desejar coisas que, pelo contrário, resistissem diante das adversidades da vida, que não fossem privadas de significado, e rostos verdadeiros. E graças a Deus, encontrei o movimento. Diante desta tomada de consciência, senti-me pela primeira vez como se estivesse cheia e plenamente feliz, mas de uma felicidade duradoura e não circunscrita à tarde da Escola de Comunidade. É evidente que Alguém sabe melhor do que eu aquilo que o meu coração deseja e planeou tudo para que eu possa viver à altura das minhas perguntas».

Devemos então dar-mos conta do facto que aconteceu, da sua natureza, porque se não compreendermos plenamente a sua diversidade, a razão da sua diferença, tratamo-lo como se fosse uma coisa qualquer das que acontecem na vida, que prometem muito e depois desiludem porque acabam, como se o cristianismo fosse um entre muitos no Panteão da mentalidade de todos, uma das muitas tentativas destinadas a fracassar.

Não é óbvio entendermos o alcance de uma coisa que vivemos. Vemos isso no facto de que o acontecimento que vivemos não determina a autoconsciência e a ação: não há crescimento da consciência, não há crescimento do eu, o encontro não se torna determinante para a nossa relação com a realidade. Por isso, continuamos a partir do A em vez de partir de B. Como quando um rapaz resolve um problema de matemática por acaso, sem ter entendido o porquê: na vez seguinte, ele não enfrenta o novo problema com um aumento de conhecimento e encontra-se no mesmo ponto de antes. Ter resolvido o problema por acaso, sem perceber porquê, não lhe serviu de nada. É assim na vida: podem acontecer-nos factos sensacionais e nós não aprendemos nada. Se um facto - por mais sensacional que seja - não for compreendido no seu significado, e não conseguir determinar a nossa autoconsciência, não serve para nada. Pensem nos nove leprosos curados por Jesus, ou nos escribas diante do cego que Ele curara.

Pelo contrário, como tudo é diferente quando percebemos o alcance de alguma coisa que entra na nossa vida!

Dou um exemplo para ajudar a esclarecer. Foi um episódio que aconteceu a Giussani. Ouvindo *A Favorita* de Donizetti, no liceu clássico, aconteceu-lhe alguma coisa que ficou nele, e quando conta isto muitos anos depois, vê-se ainda que ficou marcado. «Quando o fantástico tenor entoou “Spirto gentil, ne’ sogni miei...”, quando vibrou a primeiríssima nota eu intuí, estremecendo, que aquilo a que se chama “Deus” – quer dizer, o Destino inevitável para o qual um homem nasce – é o termo da exigência de felicidade, é aquela felicidade da qual o coração é insuprimível exigência».¹² Naquele momento, ouvindo aquelas notas e aquelas palavras, Giussani intuiu alguma coisa que na manhã seguinte não desapareceu, teve uma percepção tão nítida, tão única, tão evidente daquela “coisa” que, desde então, não pôde mais viver sem ser determinado por aquele instante e aquela descoberta.

Há momentos, encontros, factos que são diferentes de todos os outros: são factos e momentos da vida que têm uma força incomparável. E não graças ao seu clamor, mas graças à força que têm para despertar todo o nosso eu, por aquilo que de decisivo trazem à nossa vida.

Descreve-o Giussani, de modo fascinante e realista: «Pode ter sido um momento breve e subtil, no qual tivemos o pressentimento de uma promessa para a vida, o que nos conduziu até aqui, sem uma consciência clamorosa, sem uma clamorosidade crítica, Mas houve um dia na vossa vida em que se deu um encontro que continha todo o significado, todo o valor, tudo o que é desejável, tudo o que é justo, tudo o que é belo e tudo o que é amável».¹³

Estes momentos únicos fazem-nos descobrir alguma coisa que dura, alguma coisa que tem a marca inconfundível da verdade. Falando do encontro, Dom Giussani observa: «Por vezes aparece como “um clarão na noite”, mas este fugaz aparecimento deixa-nos igualmente a certeza de ter encontrado, para usar um jogo de palavras, “uma coisa que tem qualquer coisa dentro”».¹⁴

Para ver esta «qualquer coisa» que a coisa em que embatemos tem dentro de si (a tal pessoa, a tal comunidade,

¹² L. Giussani, «Quel che cerchi c’è», em *Spirto Gentil. Un invito all’ascolto della grande musica guidati da Luigi Giussani*, organização de di S. Chierici e S. Giampaolo, Bur, Milão 2011, p. 11.

¹³ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, Bur, Milão 2009, p. 426.

¹⁴ L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, Tenacitas, Coimbra 2007, p. 127.

o «facto objetivo») não é necessário uma especial inteligência nossa, como às vezes pensamos; é necessário apenas responder à exaltação da «capacidade cognoscitiva da consciência» que o próprio facto provoca, gera, adequando «a agudeza do olhar humano à realidade excepcional que a provoca».¹⁵ Podemos entendê-lo por analogia com muitas das nossas experiências: os encontros com determinadas pessoas abrem-nos os olhos, permitindo-nos ver com mais clareza, com mais profundidade, a realidade das coisas.

Mas em que consiste, de que é feito este “responder”? Ele coincide com uma pureza de coração.

Pensemos no *Inominado*, tal como Manzoni no-lo apresenta. Tinha orientado a sua vida numa determinada maneira, tinha feito as suas escolhas, tinha tomado a sua posição em relação ao cristianismo, tinha visto muitas vezes as pessoas irem à igreja sem ser minimamente tocado por isso. Mas, num momento particular da sua vida, em que o agulhão da inquietação começava a fazer-se sentir, quando ouviu da sala do seu castelo todas as pessoas que, em festa, iam ao encontro do cardeal Federigo Borromeo, algo se agitou nele, deixou-se atrair pela alegria delas e juntou-se a elas. Quando se encontrou diante do cardeal e foi revestido pelo seu olhar, agarrado pelo seu abraço, o seu coração cedeu: respondeu à força daquele olhar, ao calor daquela ternura inesperada. «O *Inominado* – diz Manzoni –, soltando-se daquele abraço, cobriu de novo os olhos com a mão e, levantando ao mesmo tempo a cabeça, exclamou: “Deus na verdade é grande! Deus na verdade é bom! Agora eu conheço-me”».¹⁶ O olhar do cardeal, como o de Jesus a Zaqueu, liberta-o da presunção, volta a dar-lhe uma consciência verdadeira de si e escancara nele a pobreza de espírito. No final da sua conversa, o cardeal dirige-se ao *Inominado*: «Não julgueis que me contento com esta visita por hoje», e pergunta-lhe: «Voltareis cá, na companhia deste honrado eclesiástico, não é verdade?». «Se voltarei?!», pergunta-se o *Inominado* espantado. E aqui explode toda a consciência nova de si, toda a pobreza do coração: «Mesmo que vos recusásseis a receber-me, eu ficaria obstinado à vossa porta, como um pobre mendigo. Preciso de falar convosco! Preciso de vos ouvir, [preciso] de vos ver! Preciso de vós!».¹⁷ Vê-se o que lhe aconteceu pelo desejo que jorrou nele de ir outra vez ao seu encontro.

Perguntemo-nos: mas quem é o nosso cardeal, o cardeal de cada um, o cardeal que torna cada um de nós verdadeiramente ele mesmo, que o escancara, sem o qual não pode viver? Jesus, com efeito, não é uma abstração, não é um mero nome; Jesus está vivo, presente, alcança-nos agora através da precariedade de uma carne, através de um olhar e um abraço reais, determinados. «“Vivo” quer dizer presente!», gritámos na Jornada de Início de ano. Só um presente é que pode tornar-nos pobres. Não precisamos de uma organização, não precisamos de uma estratégia, precisamos de alguém que nos devolva a nós mesmos. Tem de acontecer diante de nós alguém que nos faça pobres, que nos permita ver aquilo que temos diante do nariz e não vemos.

É preciso tornarmo-nos conscientes donexo essencial entre conhecimento e pobreza. «Pode compreender-se, então, que os Padres da Igreja tenham considerado como a fórmula fundamental da consciência religiosa em geral, uma frase do discurso da montanha: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8). Aqui é uma questão de “ver”. A possibilidade de “ver” Deus, ou seja, de modo geral, percebê-lo, depende – diz Ratzinger – da purificação do coração, com a qual se percebe um processo global no qual o homem se torna transparente, não fica bloqueado em si, mas aprende o dom gratuito de si e torna-se, portanto, um vidente».¹⁸

Disse-o e testemunhou-o Dom Giussani diante de toda a Igreja em 1998, na Praça de São Pedro: «É uma simplicidade de coração a que me fazia sentir e reconhecer como excepcional Cristo, com aquela imediatez certa, como acontece com a evidência inatacável e indestrutível dos factores e momentos da realidade que,

¹⁵ L. Giussani, *Educar é um risco*, . op. cit., pp. 130.

¹⁶ A. Manzoni, *Os noivos*, Paulinas Editora, Lisboa 2015, p. 425.

¹⁷ *Ibidem*, p. 429-430.

¹⁸ J. Ratzinger, *Elementi di teologia fondamentale. Saggi sulla fede e sul ministero*, Morcelliana, Brescia 2005, p. 90. «Aderir a Deus não é mais do que ver a Deus, o que, com uma singular felicidade, só é concedido aos puros de coração. Um coração puro era o que tinha David, que dizia a Deus: “A ti se prende a minha alma”; e ainda: “O meu bem é estar próximo de Deus”» (São Bernardo, *Sermone sul Cantico dei Cantici*, primeira parte, Città Nuova, Roma 2006, pp. 95-97).

entrando no horizonte da nossa pessoa, tocam-nos até ao coração».¹⁹

Esta simplicidade de coração, pela qual o homem se deixa escancarar pela realidade única que tem diante de si, é o que nos permite ver a evidência inatacável. «Toda a existência de um cristão, pode-se dizer, tem precisamente este objetivo: tornar-se simples».²⁰ Só esta disponibilidade para nos deixarmos escancarar totalmente pelo acontecimento do encontro é que nos permite perceber de forma adequada o seu significado.²¹

c) *Consciência da correspondência*

Como é que aderimos, nos apegámos àquele encontro que, em última instância, nos trouxe aqui hoje? Por que é que nunca mais o esquecemos? Pela experiência de uma correspondência incomparável com as exigências profundas do nosso coração que a presença encontrada tornou possível.

Tal como foi para João e André com Jesus: eles encontraram-se diante de uma presença excepcional, isto é, finalmente correspondente ao coração. Com Ele, havia uma correspondência nunca imaginada, inimaginável, nunca experimentada com o coração. Por isso, foi fácil reconhecê-lo no seu valor único e incomparável, «divino».²² «Quem embatia n'Ele nunca mais se ia embora – e este é precisamente o sinal da correspondência experimentada. O encontro é o embater numa tal e excepcional presença».²³ Excepcional, ou seja, divina. Também conosco, dois mil anos depois, acontece a mesma coisa: o divino passa através dum rosto efémero – «uma coisa que tem alguma coisa» –. Aquela «alguma coisa» que passa através de algo de efémero é o que resiste, permanece, porque é divino. Por isso, se não captarmos a natureza da presença encontrada, acabaremos por trocá-la por qualquer outra.

É esta a passagem que temos que ver bem.

A questão é dar-mos conta do conteúdo e da origem da diferença em que embatemos e graças à qual estamos aqui. Talvez noutros momentos pudéssemos termo-nos safado sem chegar a este ponto, sem a necessidade de reconhecer a natureza desta evidência inatacável que entrou na nossa vida, mas no caos de hoje, em que tudo está em discussão, não conseguiremos permanecer cristãos por muito tempo, a não ser por uma evidência reconhecida no seu significado permanente. Em 68, Dom Giussani dizia: «Agora já não pode ser aceite de forma passiva, os tempos não nos permitem isso».²⁴

Eu sou um entusiasta de estar a viver neste momento histórico, com todas as dificuldades que isso implica. Falo por mim, não quero poupar-me a estas dificuldades, porque não me basta viver na ilusão (como numa bolha), achando que tudo está bem, fechando-me numa *comfort zone* e vindo aqui todos os anos com os amigos para ter um momento de alguma paz; seria inútil para a vida.

Ainda bem que somos desafiados por esta confusão toda, pelo ceticismo que nos rodeia, pelo niilismo graças ao qual nada parece durar! Sim, porque assim podemos compreender, a partir da nossa experiência, talvez como nunca ninguém na história que nos precedeu pôde fazer, a diferença do cristianismo. É como quando uma pessoa vê que nenhuma relação resiste e, de repente, se encontra diante de uma relação que, pelo contrário, resiste, diante de alguém que lhe quer verdadeiramente bem, e então pensa: «Ei, isto é diferente!». É fácil, naquele momento, reconhecer a diferença.

É precisamente porque não nos damos conta desta «qualquer coisa» – que tem a marca inconfundível da verdade – que voltamos a A depois de termos visto B: não é por causa da nossa fragilidade, mas por causa da falta de um reconhecimento. Aqui, a nossa fragilidade não tem nada a ver. Aquilo que eu apresentei não é um problema de coerência ética, é um problema de razão, de simplicidade de coração. «É em ti que as coisas devem ser claras»,²⁵

¹⁹ L. Giussani, «Testimonianza durante l'incontro del Santo Padre Giovanni Paolo II con i movimenti ecclesiali e le nuove comunità», in L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. IV.

²⁰ I. Silone, *L'avventura d'un povero cristiano*, Arnoldo Mondadori Editore, Milano 1968, p. 126.

²¹ «Dio onora la sua creatura ragionevole predisponendola ad accogliere il dono che egli le fa di se stesso. Questa facoltà di accoglienza, anch'essa donata, è l'essenza stessa della ragione» (F. Varillon, *L'umiltà di Dio*, Qiqajon, Magnano (Bi) 1999, p. 45).

²² Cfr. L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 10.

²³ *Ibidem*, p. 26.

²⁴ L. Giussani, J. Carrón, «Vivo» *quer dizer presente!*, op. cit., p. 10.

²⁵ E. Hillesum, *Diario. 1941-1943*, Adelphi, Milão 1985, p. 57.

escrevia Etty Hillesum no seu *Diário*.

2. O desafio do reconhecimento

Através de encontros concretos e determinados, nós não somos apenas alcançados pelo mesmo acontecimento de há dois mil anos. Somos também envolvidos na mesma experiência, desafiados a realizar o mesmo percurso, a viver o mesmo reconhecimento. Num conto seu intitulado *O estudante*, Tchekhov descreve de forma sugestiva o nexos entre o acontecimento inicial e o acontecimento presente, entre a experiência de Pedro – e dos primeiros – e a nossa experiência.

Regressando da caça, numa noite fria e escura, Ivan, um jovem estudante, encontra hospitalidade em casa de duas viúvas, mãe e filha, que se aquecem junto do lume. Junta-se a elas e põe-se a falar da paixão de Jesus, da última ceia, da angústia experimentada por Jesus no horto das oliveiras, da traição de Judas, da negação de Pedro, do canto do galo e do momento em que Pedro «caiu em si, saiu do pátio e chorou amargamente». Ele dá-se conta que neste momento uma das duas, a mãe, Vasilisa, começa a soluçar e a filha é tomada por uma grande dor. Escreve Tchekhov:

«O estudante desejou as boas-noites às viúvas e foi-se embora. [...] O estudante pensava em Vasilisa: tinha-se posto a chorar, então isso queria dizer que tudo o que tinha acontecido a Pedro naquela noite terrível tinha uma relação qualquer com ela... [...] se Vasilisa tinha chorado e a sua filha tinha ficado confusa, evidentemente aquilo que tinha acabado de contar, que tinha acontecido dezanove séculos antes, tinha relação com o presente, com ambas as mulheres e, verosimilmente, com aquela aldeia deserta, com ele próprio, com todas as pessoas. Se a velha se tinha posto a chorar, não era porque ele fosse capaz de contar de forma comovente, mas porque tinha afinidade com Pedro e porque ela, com todo o seu ser, estava interessada naquilo que tinha acontecido na alma de Pedro. E de repente, a alegria agitou a sua alma, e até se deteve por um momento para inspirar. O passado, pensava, está ligado ao presente por uma cadeia ininterrupta de eventos que descendem uns dos outros. E parecia-lhe ter apenas visto as duas pontas dessa cadeia: como tinha tocado numa ponta, a outra tinha começado logo a tremer. E enquanto voltava a atravessar o rio na jangada [...], pensou que a verdade e a beleza que tinham movido a vida humana ali, no jardim e no pátio do sumo sacerdote, se estendiam sem solução de continuidade até hoje e, evidentemente, tinham sempre constituído o fulcro da vida humana e da vida sobre a terra em geral; e um sentimento de juventude, de saúde, de força – tinha só vinte e dois anos – e a espera inexprimivelmente doce da felicidade, de uma felicidade inaudita, misteriosa, estava a apoderar-se dele pouco a pouco, e a vida parecia-lhe entusiasmante, maravilhosa e profundamente cheia de sentido».²⁶

É surpreendente o nexos intuído por Tchekhov: «Se a velha se tinha posto a chorar [...] era porque [...] tinha afinidade com Pedro e porque ela, com todo o seu ser, estava interessada naquilo que tinha acontecido na alma de Pedro».

Nós estamos aqui pela mesma experiência dos primeiros que encontraram Jesus. Nós somos desafiados, como eles, a reconhecer a natureza do encontro que nos aconteceu, da presença que nos revestiu. Aliás, também aos primeiros não foi poupado este desafio. O caminho deles indica-nos a estrada a percorrer também hoje. Regressemos, por isso, ao momento em que o desafio foi tão grande que os obrigou a reconhecer a diferença que tinham diante de si.

Numa certa ocasião – no dia em que tinha multiplicado os pães e os peixes e a multidão queria fazê-lo rei –, Jesus tinha dito diante de todas as coisas que tinham provocado escândalo e que nem mesmo os discípulos eram capazes de perceber: «O silêncio era grande. Jesus toma a iniciativa de rompê-lo: “Vós também vos quereis ir embora?”. Foi então que Pedro, com a sua veemência, irrompeu com a frase que resume toda a experiência de certeza que eles tinham: “Senhor, nós também não compreendemos o que dizes, mas se formos embora, a quem

²⁶ A. Tchekhov, «Lo studente», in Id., *Racconti*, vol. II, Oscar Mondadori, Milão 1996, pp. 944-945.

iremos? Só tu tens palavras que explicam, que dão sentido à vida”. [...] Aquela atitude é [...] profundamente racional», porque – continua Giussani – «com base na convivência com a excepcionalidade do ser e das atitudes de Jesus, aquele grupinho não poderia deixar de confiar nas suas palavras. Deveriam negar uma evidência [tal como nós teremos de negar uma evidência] mais persuasiva que os seus próprios olhos: “Se eu não posso acreditar neste homem não posso acreditar em mais nada”. A contínua reiteração dessa impressão de excepcionalidade, proporcionada pela convivência, determinava um juízo racionalmente palusível sobre a confiança n’Ele».²⁷ Um juízo como aquele de quem, após anos de convivência com a sua mãe, se teve com ela um relacionamento normal, diz: «Aconteça o que acontecer, posso estar irritado, triste, posso mudar de humor, pode cair o mundo todo, mas eu não posso negar que a minha mãe me quer bem». A convivência leva-o a um juízo que pode desafiar qualquer humor.

«O juízo exige que se enfrente a experiência incluindo nesta o tempo da sua “duração”».²⁸ Nós precisamos deste tempo para alcançar a certeza. E esta é a dramaticidade da vida. Jesus trata-nos como adultos: «Também se querem ir embora?». Pelo contrário, nós muitas vezes queríamos que Ele viesse tirar-nos das dificuldades, que decidisse em vez de nós.

«Por isso, para responder à pergunta de amigos e inimigos: “Mas então, quem és tu?” [o que é esta “qualquer coisa” que há em ti e que não conseguimos definir?], Jesus esperou que o tempo fizesse com que os discípulos se tornassem mais seguros da sua ligação [que crescesse a certeza da razão por que estavam ligados a Ele] e os inimigos mais pertinazes na sua hostilidade. Ou seja, Jesus esclareceu o seu mistério quando os homens já estavam definitivamente assentes no seu reconhecimento ou no seu “desconhecimento”».²⁹

Jesus não quer forçar as coisas, nem impor-se: espera que a nossa liberdade ceda e se prenda conscientemente a Ele. Sabe bem que, sem que a nossa liberdade seja implicada, o reconhecimento da Sua presença nunca se tornará verdadeiramente nosso. Por isso, não tem pressa, não quer forçar os tempos, mas deixa espaço à nossa liberdade e espera que, em nós, o reconhecimento d’Ele cresça e amadureça.

Uma vez que a razão é afirmar a realidade na totalidade dos seus factores, não podemos iludir a questão sobre a origem da diferença que veio ao nosso encontro. Se os frutos que vemos, em termos de humanidade e de intensidade de vida, são de tal ordem que marcam um corte com tudo aquilo que nos rodeia, então nós estamos perante uma alternativa: ou estes frutos podem ser explicados, de forma exaustiva, com as capacidades especiais das pessoas que os ilustram, ou, uma vez que se trata de pessoas como nós, frágeis como nós, que erram como nós, estes frutos revelam, demonstram alguma coisa mais do que as capacidades delas, alguma coisa mais que opera nelas («Pelo fruto se conhece a árvore»³⁰).

O que é esta «qualquer coisa de diferente», a minha razão não consegue dizer, definir, mas – diz Dom Giussani – «não posso não admitir que está. [...] Porque há um factor aqui dentro, um factor que determina esta companhia, certos resultados desta companhia, certas ressonâncias nesta companhia. E é um factor tão surpreendente que, se não afirmo que há alguma coisa de diferente, não estou a dar razão da experiência [que faço], porque a razão é afirmar a realidade experimentável segundo todos os factores que a constituem, todos os factores».³¹

Fiquei recentemente surpreendido com Mikel Azurmendi, um amigo nosso que conhecemos há dois anos. Sociólogo, professor do País Basco, espantado com aquilo que via, foi tão leal com o choque provocado por aquilo de que se apercebeu que passou dois anos a visitar todas as nossas comunidades espanholas, as férias, as caritativas, as escolas, porque queria perceber. É como se Azurmendi nos voltasse a dar aquilo que nós, tantas vezes, já não vemos. Chega ao EncuentroMadrid e depois de apenas dez minutos, olhando para a forma diferente de nos tratarmos, de estarmos juntos, «alguns ecos desta companhia», declara: «Aqui está a acontecer alguma

²⁷ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Tenacitas, Coimbra 2012, p. 75.

²⁸ *Ibidem*, p. 76.

²⁹ *Ivi*.

³⁰ Cf. L. Giussani, *Porquê a Igreja*, Tenacitas, Coimbra 2016, p. 257ss.

³¹ L. Giussani, *É possível viver assim?*, Vol. II, *Esperança*, Tenacitas, Coimbra 2007, p. 96.

coisa». Não pode olhar para tudo isto sem reconhecer que ali, naquela forma de estarmos juntos, de nos tratarmos, de nos olharmos, de nos interessarmos por tudo, há alguma coisa de diferente, que o leva depois a afirmar – a partir do que lhe tinha sido dito há tanto tempo; de facto, em jovem tinha estado no seminário –: «É Ele. Só o divino pode estar na origem de tudo isto».

A mudança do humano em que Mikel, tal como cada um de nós, embateu é o maior milagre. «O milagre pode ser definido como um acontecimento e, por isso, como um facto experimentável, através do qual Deus força o homem a reparar n’Ele, e nos valores de que quer fazê-lo participar, através dos quais Deus reclama a atenção do homem para que este se dê conta da Sua Realidade. Ou seja, é um modo com o qual Ele impõe sensivelmente a sua Presença».³² Não se trata de alguma coisa imaginada por nós e que, um instante depois, desaparece.

É precisamente diante do milagre – do milagre de uma humanidade diferente, mais completa – que vem ao de cima a nossa posição e se desencadeia a luta entre a abertura e o fechamento, a transparência e a obtusidade. Nesta luta – a que o Mistério não nos poupa – a liberdade revela o seu papel decisivo no caminho do conhecimento, na descoberta da realidade e do seu significado («Se o encontro com o destino, com a realização, deve ser livre, a liberdade tem de se “jogar” também na descoberta dessa realização [...]. Portanto, a liberdade tem que ver não só com o caminhar para Deus como coerência de vida, mas também com a descoberta de Deus»)³³ Nesta luta, muitas vezes nós chamamos de «atitude crítica» àquilo que, na realidade, é uma tomada de posição pré-concebida («um oculto ponto de partida»,³⁴ diz Giussani), uma «aridez», que não nos permite ver.

O prémio para quem empreende esta luta com lealdade é o reconhecimento da presença de Cristo, a familiaridade com Ele.

Então o problema, amigos, é não nos determos no limiar deste reconhecimento, mas chegarmos ao reconhecimento da «fonte última» daquilo que vemos, em que embatemos e que nos junta.

«Nós arriscamo-nos a viver uma graça tão grande como esta casa [como esta companhia], supondo o último passo (“Ah sim, sim!”), admitindo o último passo, reconhecendo o último passo, que é para Cristo, mas não vivendo-o [...]. Vocês podem viver a vossa companhia de um modo tal que vocês são simpáticos uns com os outros, atentos uns com os outros, que gostam de poder viver num âmbito assim [...]; vocês podem viver tudo o que há de positivo nesta companhia, e no entanto ficarem parados, parados no limiar do reconhecimento do motivo adequado, do factor verdadeiro que, em primeiro lugar, vos juntou [...]. Podem viver tudo isto sem esclarecer a vocês mesmos a fonte última. É como se chegassem ao limiar da coisa: “Eh sim, é Cristo, é por Cristo»». No entanto, «afirmar: “Estamos juntos porque Cristo está”, que grau de comoção existencial, de reconhecimento, de gratidão alcança?»³⁵

Cristo chega a amar tanto a nossa liberdade a ponto de até nos deixar afastarmo-nos d’Ele, na esperança de que possamos descobrir livremente a Sua diferença. Von Balthasar descreve desta forma a atitude de Deus para conosco: «Onde um homem decide largar-se a si mesmo, à sua própria limitação [...] ali cresce o meu reino. Mas uma vez que os homens só o fazem contra vontade [...], eu tenho de percorrer com eles estradas largas e compridas, uma vida inteira até que se convençam da verdade».³⁶

«Deus espera com paciência que eu queira por fim consentir em amá-lo. Deus espera como um mendigo que está de pé, imóvel e silencioso, diante de alguém que talvez lhe dê um pedaço de pão. O tempo é esta espera. O tempo é a espera de Deus, que mendiga o nosso amor. Os astros, as montanhas, o mar, tudo aquilo que nos fala do tempo trazem-nos a súplica de Deus. A humildade na espera torna-nos semelhantes a Deus»,³⁷ diz Simone Weil.

³² L. Giussani, *Porquê a Igreja*, op. cit., p. 270.

³³ L. Giussani, *O sentido religioso*, Verbo, Lisboa 2002, p. 167.

³⁴ *Ibidem*, p. 168.

³⁵ L. Giussani, *Affezione e dimora*, op. cit., pp. 361-362. «Atravessamos os milagres como cegos, sem ver que a mais pequena semente de um flor é feita de milhares de galáxias» (C. Bobin, *La vita grande*, Anima Mundi, Otranto (Le) 2018, p. 41).

³⁶ H.U. von Balthasar, *Il cuore del mondo*, Jaca Book, Milão 2006, p. 119.

³⁷ S. Weil, *Quaderni. Volume quarto*, Adelphi, Milão, p. 177.

Pensemos em Nossa Senhora, quando o anjo se afasta dela: é como se o Senhor saísse de cena para dar espaço à sua liberdade.

Pensemos no filho pródigo da parábola do evangelho. Não é que o pai seja indiferente ao filho. Pelo contrário, precisamente porque o ama e sabe bem quem é a criatura a quem deu a vida, sabe bem também que o filho não poderá descobrir o gosto de ser filho a não ser através da liberdade.

Escreve o filósofo católico alemão Ferdinand Ulrich, meditando sobre a parábola do filho pródigo: «O pai não mantém ligado a si a próprio filho [...]. Ele deu liberdade ao outro, ao outro diferente de si mesmo, e responsabilizou-o pelo risco futuro de um apaixonado se tornar ele mesmo a partir do abismo da sua própria liberdade».³⁸

Como é que o pai demonstra o amor pela liberdade do filho? «Simplesmente deixando ir embora o filho». O pai deixa o filho ir-se embora, respeitando a sua liberdade, porque se apoia na certeza de que o filho não se afasta dele sem levar consigo o facto de ser filho. Continua Ulrich: «Assim o pai, por assim dizer, retira-se para a calma plena de ser ele mesmo, e não o faz *contra*, mas *pelo* filho. O seu esconder-se paternal, o seu silêncio, é a misericórdia do seu acompanhamento. *Aquele* filho, de que nos fala a parábola, é a misericórdia do Pai feita pessoa: na distância, sem pai. Só compreendemos a parábola se *O* escutarmos com espírito de piedade e de perdão! O pai fica, “repousa” no seu poder e deixa o filho ir-se embora. Neste ficar, neste *aparente* não-fazer, ele explicita-se como liberdade que “só através da sua existência” testemunha e está presente».³⁹

É precisamente neste espaço de liberdade, em que o pai o deixa, que o filho pródigo reconhece a diferença do pai, aquela marca da verdade que o faz regressar a casa. «Há um vazio terrível – observa Nouwen – nesta paternidade espiritual. Nenhum poder, nenhum sucesso, nenhuma popularidade, nenhuma satisfação fácil. Mas este vazio terrível é também o lugar da verdadeira liberdade. É o lugar onde não há nada a perder, onde o amor não é obrigado a laços e onde pode encontrar a verdadeira força espiritual».⁴⁰

Com a sua atitude, o pai revela a sua verdadeira natureza de pai. Não há acesso à verdade senão através da liberdade, dizia o Concílio Vaticano II.⁴¹ Cristo respeita, ama e sustenta – desafiando-a – a nossa liberdade.

É preciso tornarmo-nos conscientes do alcance daquilo que entrou na nossa existência, caso contrário estaremos condenados a viver no medo de que tudo acabe no nada. Se Cristo não entrar nas dobras do nosso eu, graças àquela evidência que cada um de nós – a partir do momento em que estamos aqui – percebeu, ficaremos assustados como todos, porque «sem que Cristo seja presença agora – agora! –, eu não posso amar-me agora e não posso amar-te agora. Se Cristo não ressuscitou, eu estou acabado, ainda que tenha todas as Suas palavras, ainda que tenha todos os Seus evangelhos. Com os textos dos evangelhos, no limite, eu até poderia suicidar-me [Giussani ousa até dizer isto!], mas com a presença de Cristo não [porque não é simplesmente um acontecimento do passado], com a presença reconhecida de Cristo não!».⁴²

Por que é que vale a pena estar aqui, nestes dias? O que é que podemos ganhar? A consciência de que nos aconteceu alguma coisa que pode vencer a ansiedade e a insegurança de que tudo acabe no nada. Não se vence pensando: «Agora vou procurar empenhar-me um pouco mais», só vence a consciência daquilo que aconteceu, uma coisa que não foste tu a produzir, que não fui eu a produzir: «Amei-te com um amor eterno, tive piedade do teu nada».⁴³ Só a Sua presença é que é a consistência do nosso eu.

3. A necessidade da verificação

³⁸ F. Ulrich, *Gabe und Vergabung. Ein Beitrag zur biblischen Ontologie* (Dono e Perdono. Un contributo per un'ontologia biblica), Johannes, Freiburg 2006, p. 455; tradução nossa.

³⁹ *Ibidem*, pp. 452, 457-458; tradução nossa. «Tu mi hai lasciato andare quando volevo e quando non volevo, e tuttavia non mi hai allontanato da te» (Guglielmo di Saint-Thierry, *Preghiere meditate. Opere/3*, Città Nuova, Roma 1998, p. 214).

⁴⁰ H.J.M. Nouwen, *L'abbraccio benedicente*, Queriniana, Brescia 2018, p. 197.

⁴¹ Cf. Declaração sobre a liberdade religiosa *Dignitatis Humanae*, I, 2.

⁴² L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 77.

⁴³ Cf. *Jer* 31,3.

«Quem vem por uma intuição, ou por um pressentimento vago de um valor e depois não se compromete ou não se empenha em verificar, mais cedo ou mais tarde vai-se embora».⁴⁴ Este aviso de Dom Giussani aos universitários é válido também para nós todos, sem excluir ninguém. «Se Cristo é verdadeiramente a resposta para a vida, isto de algum modo deve-se “ver”. [...] Por isso dizia aos jovens: “Temos de vigiar todas as atividades da nossa vida, para conseguirmos ver e experimentar, perceber e viver, que resposta é realmente a presença de Cristo para as urgências e as exigências da nossa experiência humana que se expressam naquelas atividades».⁴⁵

Durante a apresentação na Biblioteca Ambrosiana das *Atas* do Congresso de Lugano sobre Giussani, o diretor dos estudos de Venegono, padre Franco Manzi, observou: «Podemos então dizer que Dom Giussani, enquanto caminhava, ele próprio, seguindo Cristo no “caminho de Deus” – como os Atos dos Apóstolos definiam o cristianismo –, por um lado, verificava se a experiência de Pedro, de André e dos outros apóstolos era verdadeiramente humanizante também para ele e, por outro lado, convidava os jovens, que encontrava num comboio, mais do que nos bancos da escola do Berchet, a percorrê-la com ele. Mas, precisamente: Dom Giussani identificou o critério de autenticidade deste “movimento” deles atrás de Cristo nas experiências de fé atestadas nos Evangelhos e no resto da Bíblia. Foi assim levado a considerar que se a sua experiência com aqueles companheiros de viagem era humanizante como a de Pedro, de André e dos outros apóstolos, então significava que Cristo ressuscitado continuava a estar eficazmente presente na história, para salvar também a humanidade da nossa época».⁴⁶

A Igreja não quer adesões acríicas. Devo verificar se aquilo que entrou na minha vida me permite desafiar qualquer escuridão, qualquer dúvida, qualquer medo, qualquer insegurança. Como devemos ter estudado na Escola de Comunidade, a Igreja não brinca conosco e não faz batota conosco.⁴⁷

Este é o desafio. Percebem, então, que não basta a associação, não basta o redil, não basta procurar lugares confortáveis para pensarmos em viver como cristãos. Desta forma, não nos safamos. E quem vos propõe isto não vos quer bem. Jesus não fechou os discípulos no redil, mas confiou-lhes o método com o qual podiam desafiar o mundo, fazendo a verificação da Sua promessa: «Se ficares em relação comigo, dar-te-às conta de que vives duma maneira incomparável a qualquer outra».⁴⁸

Escreve-me uma pessoa:

«“O que é que resiste ao impacto do tempo?” Pensei muitas vezes que esta pergunta era o resultado de uma depressão latente minha, de um cinismo galopante ou então de uma falta de fé. Nos últimos tempos, porém, dei-me conta de que não é assim. Não, não é uma pergunta de pessoas deprimidas, porque esta minha pergunta com o tempo transformou-se e tornou-se parte constitutiva da relação e do diálogo quotidiano com Ele, tanto que dei por mim várias vezes a dizer: “Como é que resistes, Tu, ó Cristo, ao impacto do tempo, como é que resistes no meu casamento, com os amigos, na relação com os filhos que crescem, nos desafios da vida quotidiana, nos medos que me afligem, nas coisas que antes tanto me agradavam e que agora me deixam quase indiferente? Como?”. Fazendo-me encontrar sempre “coisas diferentes e inesperadas” (este é sempre um traço característico do Seu acontecimento) em relação ao que eu estava à espera, e que me fazem renascer. Houve um longo período da minha vida em que Cristo foi uma espécie de ornamento, a invocar nos casos de necessidade e urgência, enquanto conseguia gerir tranquilamente sozinha tudo o resto. Mas agora, mesmo sem muitos abanões, tornou-se clara a consciência de que aquele “Sem mim não podeis fazer nada” não é de facto um exagero. Assim, depois de termos ouvido Dom Giussani desejar-nos, na Jornada de Início de Ano, a “tenacidade de um caminho”, eu e o meu marido decidimos voltar à estrada começando a participar, depois de muitas tentativas, no gesto da caritativa. Foi um dos momentos mais

⁴⁴ L. Giussani, *Certi di alcune grandi cose (1979-1981)*, Bur, Milão 2007, p. 158.

⁴⁵ L. Giussani, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, a cura di C. Di Martino, EDIT-Il Sabato, Roma 1993, p. 341.

⁴⁶ F. Manzi, «Punto di vista di un biblista sugli *Atti* del Convegno della FTL: “Giussani: Il pensiero sorgivo”», em *Rivista Teologica di Lugano*, ano XXIV, 1/2019, p. 200.

⁴⁷ Cf. L. Giussani, *Porquê a Igreja*, op. cit., pp. 251-252.

⁴⁸ «A Igreja repete, com Jesus, que pode ser reconhecida como credível em nome da correspondência às exigências elementares do homem na sua afirmação mais autêntica. É o que Jesus queria dizer com a expressão [...] “o cêntuplo” nesta terra [não no além]. Portanto, é como se [...] a Igreja [te] dissesse [...] “Comigo obterás uma experiência de plenitude de vida que não encontrarías em nenhum outro lugar”. A Igreja põe-se a si mesma à prova no fio da navalha desta promessa, propondo-se a todos os homens como prolongamento de Cristo» (L. Giussani, *Porquê a Igreja*, op. cit., p. 252).

bonitos do nosso casamento, porque naquele voltar a decidir em conjunto retomar, estava novamente Ele entre nós os dois; misteriosamente, aderindo a uma proposta educativa da companhia que aparentemente não tinha nada a ver, voltámos a dar por nós juntos, unidos no caminho, como não acontecia há muito tempo. Que presente inesperado! A caritativa foi como que um *tsunami* na minha vida, porque pôs de repente a nu, fez surgir de repente, toda a minha posição reduzida diante da vida».

Esta superabundância de vida é o que te permitirá verificar a verdade da mensagem que a Igreja te traz, o seu propor-se como prolongamento de Cristo na história. É na experiência de uma plenitude não experimentável noutra sítio que se encontra a “verificação” daquilo que a Igreja diz de si: «Eu sou o Corpo de Cristo, rosto da Sua presença aqui e agora». É assim que poderás dizer, aderindo com cada vez mais razoabilidade, àquilo que a Igreja diz de si, «Cristo está aqui».

Para poder alcançar esta certeza, é necessário que o homem aceite viver no seio daquele lugar através do qual lhe chega a vida da Igreja, porque a Igreja «é vida e deve oferecer vida». Por isso é que uma pessoa decide vir aqui um fim de semana, para mergulhar nesta vida. O homem, com efeito, continua Dom Giussani, «não pode preparar-se para uma verificação desta envergadura sem um empenho que implique a sua vida». Por isso, «se a Igreja não pode fazer batota, tão-pouco o homem [cada um de nós] pode fazê-la».⁴⁹

O tempo é crucial para esta verificação, para que surja diante dos nossos olhos a diferença do cristianismo, o que é que verdadeiramente resiste ao impacto do tempo, das circunstâncias, dos desafios, das desilusões. Não temamos: se formos leais com as exigências do coração, estas são de tal maneira irredutíveis a nós próprios e às nossas manipulações que têm o poder de desmascarar qualquer ídolo que tenhamos construído! Não é preciso mais nada do que o tempo e a comparação com o coração para ver o que é verdade. Porque só aquilo que é verdadeiro é que dura no tempo. A verdade tem uma marca inconfundível – todos o sabemos – e dura no tempo. E por que é que dura? Porque, como dissemos no início, corresponde às exigências do coração. Todas as promessas que te fazem os ídolos não duram, porque não correspondem ao coração, «têm boca e não falam»,⁵⁰ diziam os profetas de Israel. Os ídolos não são nada, são inconsistentes; passado pouco tempo, *pluff*, desaparecem.

Temos à nossa disposição instrumentos irredutíveis a nós mesmos e à nossa manipulação para fazer um caminho certo. É o desafio que cada um deve fazer a si mesmo.

Eis – para concluir – uma ilustração da verificação da proposta que todos recebemos continuamente no movimento e que permite não voltar a A depois de ter experimentado B.

«Estou a experienciar de forma muito concreta a passagem definitiva à maturidade da fé. Vivo o movimento há trinta e quatro anos, mas neste último período foi-me dada a graça de experimentar um salto na autoconsciência da fé. Dei-me conta da desproporção existente entre aquilo que recebi e a minha humanidade. Durante muito tempo vivi com a presunção gnóstica de acreditar perceber, e esforçava-me – de forma pelagiana – para tentar aplicar aquilo que pensava ter percebido. Hoje acontece que tudo me parece novo. Descubro-me numa posição completamente diferente em relação à que tinha quando conheci o movimento. Começo a comover-me por qualquer coisa. Palavras que tinha lido uma infinidade de vezes, e que provocavam em mim uma satisfação intelectual mas não mudavam nem um milímetro a minha posição, agora deixam-me desarmado. Dei-me conta de que seguia Dom Giussani de maneira abstrata, sem colocar em jogo, concretamente, a inteligência e o coração. Comecei a perceber o que significa uma inteligência afetiva, uma ligação à sua pessoa e, conseqüentemente, às suas palavras. Giussani deixou de ser alguém que era exterior à minha humanidade e começou a julgá-la a partir de dentro. Começou a revelar-se o significado real daquilo que tinha aprendido e sabia quase de cor dos capítulos 1, 2, 3, 5, 10 d’*O sentido religioso*. Estou fascinado, porque estou a voltar a ser como uma criança, descubro que tenho tudo para aprender, mas não tanto para acumular conhecimentos quanto para “viver intensamente o real”».

Quanto mais fazemos, na relação com todas as circunstâncias, uma verificação pessoal da capacidade que Cristo tem de mudar a nossa vida («Quem me segue terá o cêntuplo aqui»), de fazê-la renascer, mais se enche de

⁴⁹ L. Giussani, *Porquê a Igreja*, op. cit., p. 253.

⁵⁰ *Sal* 115,5.

razoabilidade o nosso reconhecimento da Sua presença, o nosso “sim” a Ele e à modalidade concreta que escolheu para nos alcançar e nos conquistar: o movimento.

A verificação, portanto, é a grande estrada da personalização da fé, do amadurecimento da certeza da presença de Cristo na nossa vida.